

## Batuque\*

Ramayana de Chevalier

Por uma destas tardes lavadas de chuva, quando não se escuta, pelo rádio, o entusiasmo febril das multidões aplaudindo os craques da pelota, recebi — e com que agradável surpresa! — o último livro de Bruno de Menezes, o poeta boêmio de Belém, impresso nas oficinas do “Pará-Ilustrado”.

O volume, otimamente trabalhado, traz, de início, uma vantagem: foge, alívio e sutil, do corriqueirismo sentimental das baladas e dos acalantos, desambientados hoje, neste mundo convulsionado e aflito.

É um livro de ritmos afro-americanos, sem intenções de psicologia científica, antes com ingênuo e simples lirismo descritivo, bordado de talento nas oportunas onomatopéias, verdadeiros símbolos raciais rebuscados por um conhecedor arguto da matéria.

Não tolero a literatura desajeitada dos pseudo-nacionalistas, que escondem a própria incapacidade, pretendendo reproduzir, no seu tortuoso desmazelo, o linguajar errôneo das esquinas e dos cafés, num atentado desrespeitoso à pureza e, mais que tudo, à elegância do idioma pátrio.

Sem ser purista, sem adotar, também, as rigezas inamalgáveis dos clássicos, que perdem a beleza pelo incorrupto ciúme das minúcias léxicas, não suportando, entretanto, os grotescos processos dos chamados modernos, utilizando material de cutiliqué em assuntos que só comportam ouro de alto quilate.

Não acontece assim com este movimentado livro de Bruno de Menezes.

Se a psicologia nada tem que ver com as principais características da obra, a sociologia merece dela, na simpleza poemática de suas impressões, uma atenção mais firme, desde que se trate de motivos brasileiros, negróides na maioria, com fino sabor de ironia, de exaltação e de síntese.

Dir-se-ia um “De Cameron negro”, de Froebe-

nius, em estilo ameno, saltitante, leve, desintencional, que traduz, contudo, em seus quadros de emotiva interpretação, todo o singelo mecanismo de originalidade afundado nos peráus inconscientes da alma brasileira.

Chama-se *BATUQUE*. O nome é um programa. E diz do livro, integralmente. Uma batucada “*in fieri*”, sem encenação cinematográfica, dos poemas feitos sob medida, versos livres como potros selvagens, donos de si próprios no sentido construtor, que reside na exaltação dos nossos motivos mais íntimos, os imortais motivos da raça negra, um dos trípticos formadores de nossa realidade étnica.

Há beleza nos ritmos de *BATUQUE*. E isso é uma grande coisa, num instante literário em que a beleza ou se faz ausente, ou surge, vestida de roupagens exóticas do plágio camuflado, insustentável ao menor exame e pobre de ímpetos nacionais, como de inspirações transcendentais.

Paguei-me do tempo levado em deletrear *BATUQUE*. O poeta mavioso de Belém, esse Bruno de Menezes, que é um tatuado pela brasilidade, talentoso e nobre, fez bem ao meu espírito.

O livro, que é uma espécie de sociograma curiosíssimo, merece a atenção da crítica nacional. Home-nageando um cérebro iluminado e estudando, em detalhes, talvez ainda em filões virgens, um aspecto profundamente humano de nossa constituição espiritual de povo jovem.

O sensualismo veiado dos seus versos representa um símbolo tropical. Reproduz o estado de neurastenia sexual, em que vivem e cantam os seres que habitam os baixos-fundos da nacionalidade. Sexualismo. Brasilidade. Humanismo.

\* Do “Diário da Tarde”, de 27.2.40, de Manaus e “Folha do Norte”, de 16.4.40